



O CORPO COMO UM TEMPLO SAGRADO: OS DISCURSOS SOBRE CORPO NA MÍDIA CATÓLICA DE FLORIANÓPOLIS (1930-1950)

THE BODY AS A SACRED TEMPLE: THE SPEECHES ON BODY IN THE MEDIA CATHOLIC OF FLORIANÓPOLIS (1930-1950)

Ana C. RIBAS¹

Resumo

Em pleno século XXI, quando muitos estudiosos apontavam para uma tendência a secularização da sociedade, esta parece ser uma premissa que longe de se concretizar, muito pelo contrário, o que se vê é um retorno a posturas religiosas mais tradicionais. Isto não significa um retorno ou uma simples retomada a modelos do século passado, mas à volta de posturas normatizantes do catolicismo, que nunca foram realmente abandonadas, mas que apenas deixaram de ocupar o centro da ribalta em alguns momentos da história recente a Igreja Católica. Neste sentido, este artigo objetiva analisar os discursos católicos referentes à primeira metade do século XX, utilizando, para tanto, a imprensa católica catarinense representada pelo jornal *O Apóstolo*, focando em temas referentes ao corpo feminino, buscando problematizar as representações femininas católicas, valores morais e de conduta, tendo como norte às perspectivas dos estudos de relações de gênero.

Palavras-chave: Representações; Imprensa Católica; Corpo feminino.

Abstract

In full century XXI, when many scholars pointed with respect to a trend the secularization of the society, this seems to be a premise that far from if materialize, quite to the contrary, what it is seen is a return the more traditional religious positions. This does not mean a return or a simple ones retaken the models of the passed century, but to the return of normatizantes positions of the catolicismo, that really had been never abandoned, but that they had only left to occupy the center of ribalta at some moments of recent history the Church Catholic. In this direction, this objective article to analyze the speeches referring catholics to the first half of century XX, using, for in such a way, the press catarinense catholic represented by the periodical the Apóstolo, focando in referring subjects to the feminine body, searching to problematizar the feminine representations catholics, moral values and of behavior, having as north to the perspectives of the studies of sort relations.

Key-words: Representations; The press Catholic; Feminine body.

*“Meditai bem isto gentis senhoritas, pensai um pouco na vossa alma”.*²

Neste início do século XXI, o corpo é assunto corrente em toda a mídia, seja para preservar a saúde, destacar a beleza de alguns ou dar dicas para outros, seja pela ênfase a prática de esportes, ou ainda vinculando-o a moda. A verdade é que o corpo é tema para matérias que vão desde reportagens “científicas” até a propagandas de alimentos, medicamentos, cosméticos, tudo pensado para a obtenção do que é considerado como o corpo perfeito.

¹ Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC, Participante do Laboratório de Gênero e Família (LABGEF) - UDESC
E-mail : ribasanaclaudia@gmail.com

² Pode-se dançar? *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 janeiro de 1936, n. 133, p. 03.

Essa preocupação com o corpo, entretanto, não é exclusiva deste novo século, mas é uma preocupação que se remete ao século XVI, especialmente no âmbito da medicina, e que ganha fôlego, especialmente no Brasil, durante o século XIX, dentro dos conceitos desenvolvidos por eugenistas e higienistas, que “acirram suas proposições quanto a confluência das relações entre saúde e beleza ligadas à corporalidade”³.

Mas foi durante o século XX que cresceu entre os meios de comunicação brasileiros uma especial atenção para as questões ligadas ao corpo, tanto masculino como feminino. Neste contexto, que também a Igreja Católica, utilizando-se a imprensa escrita, passou a propagar seus discursos referentes ao corpo. Dentro do catolicismo, e a partir da produção de seus teólogos e pensadores durante esses dois milênios de cristianismo, o tema corpo acabou por receber especial atenção. No universo representativo ambivalente que se constroem os discursos católicos, o corpo é apresentado tanto como sendo um templo sagrado - por entendido como o receptáculo da alma, única parte imortal do ser humano -, como porta para a aproximação do divino e obtenção da santidade - através da desvalorização da sexualidade e da preservação da virgindade, especialmente a feminina -, quanto classificado como fonte de pecado e perdição – quando o ser humano submete-se a realização de seus desejos carnis em detrimento dos preceitos religiosos.

Durante o século XX, a Igreja Católica no Brasil, lançando mão de sua força representativo-simbólica, passa a divulgar discursos normativos, através de uma imprensa criada por católicos atuantes e atentamente supervisionada pelo clero, que é nomeada como Boa Imprensa⁴.

Assim, entendendo essas práticas discursivas católicas como representações - uma vez que agem como fornecedoras de referências coletivas e como matrizes de práticas que acabam por construir o próprio mundo social⁵ -, é possível perceber uma pesada argumentação normativa, especialmente no que se referia às representações de mulher, deixando explícita a tentativa de resistência às mudanças em que a sociedade brasileira começava a mergulhar, apontando-as como “corruptoras” dos “valores cristãos”. Isso não significava que a Igreja fechava-se em seu próprio espaço religioso, mas sim que ela dialogava “diretamente com a esfera pública, mostrando seu interesse na participação e na construção da nova sociedade”⁶, e que estava muito preocupada com questões relacionadas especialmente com a mulher e conseqüentemente, com a família, dentro deste contexto social que começava a se desenhar.

A presença das representações femininas nos jornais de Florianópolis, desde o final do século XIX e por todo o século XX, intensificou-se pautado em uma ordem burguesa, que visava construir códigos de distinção e identidades para a consolidação de uma mulher ideal.⁷ Para os católicos, desde 1929, um forte

³ ZUCON, Otávio. A normatização do corpo entre a medicina e a publicidade (1920/1945). In: *Esboços*: revista do programa de pós-graduação em história da UFSC. Florianópolis, n. 12, 2004, p.185-195.

⁴ No final do século XIX e na primeira metade do século XX, o clero brasileiro estimulou a fundação de jornais católicos, que passavam a ser chamados de Boa Imprensa. Do mesmo modo que havia “boa” imprensa, também surge, do ponto de vista católico, a “má” imprensa. Eram considerados como “má imprensa” todos os impressos que incentivavam a “corrupção” dos costumes, ou seja, aqueles contrários às determinações e preceitos divulgados pela Igreja Católica.

⁵ CHARTIER, Roger. *A Beira da Falésia*: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 72.

⁶ SOUZA, Rogério Luiz de. As Imagens do Renascer Brasileiro: Catolicismo e Ideal Nacional (1930-1945). In: *Fronteiras*: revista Catarinense de História. Florianópolis, n. 11, 2003, p. 37.

⁷ PEDRO, Joana Maria & SILVA, Cristiani Bereta da. Um olhar sobre o corpo e práticas femininas: medicalização do aborto e infanticídio na cidade de Florianópolis – 1900/1996. In: PEDRO, Joana Maria (org). *Práticas Proibidas*: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX. Florianópolis: Cidade Futura, 2003, p. 111.

representante da Boa Imprensa começa a circular: o jornal *O Apóstolo*, que por várias décadas empenhou-se como difusor de preceitos e discursos da Igreja romanizada, como um forte porta-voz da oficialidade católica, um normatizador preocupado constantemente com a regulação da educação e do espaço ocupado pelas mulheres na sociedade. Todos os discursos nele divulgados estavam organizados na defesa do que Uta Ranke-Heinemann nomeou de os “três bens mais importantes para os cristãos”⁸: os filhos, a fidelidade conjugal e a indissolubilidade do casamento. Valores estes que encontravam na figura feminina seu ponto de interseção.

Dentre as muitas inquietações da Igreja Católica no que se referia a construção de representações femininas encontrava-se o cinema, a moda e os ambientes públicos, como por exemplo, os bailes.

As fitas cinematográficas geravam nos discursos da Boa Imprensa uma ferrenha batalha, especialmente contra os filmes hollywoodianos, que eram descritos como grandes ameaças às representações femininas católicas, uma vez que forneciam aos seus espectadores modelos que se contrapunham aos tradicionais, desenhando representações que muito pouco, ou nada, lembrariam a complacente esposa fiel ou a jovem casta dos preceitos cristãos. Estava posto o medo da sensualidade e do erotismo, ou seja, imagens que destoavam da rodem burguesa, da normatização considerada racional e normatizante, presente em muitos jornais florianopolitanos, não apenas em periódicos católicos⁹.

Entendendo as representações das relações de gênero presentes nas páginas da Boa Imprensa catarinense como envoltas em outras categorias como classe e etnia¹⁰, pode-se afirmar que os discursos católicos eram direcionados para a classe média florianopolitana. Estas representações dos membros da família católica, assim como as identidades de gênero legadas a homens e mulheres dentro desses discursos, também precisavam ser reafirmadas. A mulher constantemente descrita como frágil e necessitada de proteção, enquanto o homem é apresentado como indivíduo forte. Para a esposa o espaço doméstico, onde esta se faria “rainha”, e para o homem, o espaço público, onde este deveria desenvolver a civilização urbana. Tratava-se de uma construção discursiva dos espaços legados a corpos femininos e masculinos, baseadas em um “fundamentalismo biológico”.¹¹

Entretanto, não eram estas as representações femininas fornecidas pelo cinema. As novas representações de homens e mulheres fascinavam: todos incomparavelmente belos, vestidos por figurinistas sofisticadíssimos, embalados por histórias desenroladas em vidas fascinantes, no glamoroso ambiente onde brilhavam as divas.

A influência de Hollywood trazia para a sociedade brasileira uma grande leva de sonhos americanizados, além de ditarem os últimos conceitos da moda: bigodes à *la Gable*, penteados à *la Garbo*, maiôs à *la Grable*. E nas conversas, as últimas fofocas sobre a vida dos astros. Eram modelos para inspirar sonhos de homens e mulheres. Assim, restava aos redatores de *O Apóstolo* criticar veementemente tais modelos, lançando mão de argumentos sensacionalistas de veracidade duvidosa:

⁸ Referência ao trabalho de Uta Ranke-Heinemann: RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

⁹ PEDRO, & SILVA, op. cit., p. 113.

¹⁰ NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*. Florianópolis, vol. 8, n. 2/2000, p. 10-13.

¹¹ Idem, ibidem, p. 21-23.

Um professor da universidade de Praga na Tcheco-Slováquia, tomou sobre si o imenso trabalho de pedir em todas as grandes fábricas de filmes notícias sobre mais do que mil atores cinematográficos, ‘estrelas’ ou ‘não-estrelas’, masculinos e femininos. E o resultado? 310 foram assassinos, 74 falsários, 43 incendiários, 165 ladrões, 181 perjúrios, 405 adúlteros, etc. Esta é a corja de criminosos que entusiasma milhões de visitantes dos cinemas. Isto são os modernos educadores do povo. Não admira que eles exalem um ar fétido de imoralidade.¹²

Esta preocupação com o cinema, por parte dos porta-vozes da Igreja Católica, direcionava-se especificamente aos novos hábitos inspirados no modo de vida “moderno” dos norte-americanos e europeus, que acabavam por provocarem mudanças nas concepções de vida dos católicos, especialmente os pertencentes às classes médias.

Com Hollywood, os corpos ganhavam destaque, não representando mais a condenação, o sofrimento ou a abstinência, mas traziam a visibilidade do “belo sexo” nos espaços públicos. As roupas estilo de Paris e as maquiagens *made in* Hollywood. Vestidos e *maillots* mais ousados deixavam a mostra os ombros e as coxas, a maquiagem se acentuava, inspirada nas atrizes norte-americanas dos filmes mais vistos nas salas de cinema do Brasil. Era a época do *pó-de-arroz*, do *rouge*, e do *baton*, tudo inspirados nas divas Gloria Swanson, Greta Garbo e Joan Crawford.

Estes novos padrões de beleza serviam de norte para as críticas católicas, que em *O Apóstolo* colocam a vaidade como sendo “o pecado da mulher” a atual “tentação de Eva”¹³, pois no lugar da “imagem divina é uma outra que surge: a imagem do pecado e do vício, uma imagem a nos afastar sempre e sempre de Deus”¹⁴.

Em muitos textos publicados em *O Apóstolo*, é comum encontra-se a vinculação entre a vaidade feminina e o mal, assim como ao próprio Demônio, como se pode ver a seguir:

Salão de Modas: Sodoma e Gomorra

Grande sentimento de vestidos que dão pelos joelhos, roupas sem mangas, decotes, tintas de toda a qualidade, com pinças para as sobancelhas e cola negra para as pestanas, aparelhos para esmerada manicura [sic].
Como tudo isso se consegue as *toilettes* mais próprias para profanar as igrejas, comungar sacrilégios, provocar infidelidades, brigas em casa, ensinar a corrupção às crianças, e, enfim, tornar o mundo um inferno.
Todas as Senhoras, Senhoritas e meninas que honrarem esta casa comercial serão por isso mesmo consideradas como *fiéis* agentes do *demônio*.
As contas serão liquidadas na hora da morte.
O Diretor-Gerente LÚCIFER.¹⁵

Há uma constante demonização da beleza e da vaidade feminina nas páginas da Boa Imprensa, uma vez que o modelo supremo de perfeição feminina, a Virgem Maria, sempre é descrita como desprovida de qualquer vaidade e preocupada com a preservação de seu corpo na castidade e no recato.

Mesmo que a Boa Imprensa ainda descrevesse a verdadeira mulher - aquela passível de ser santificada -, como sendo a que se dedicava a “Vida Doméstica”, que zelava pela “virtude” e pela “honradez

¹² Estrela de Cinema. *O Apóstolo*, 15 de agosto de 1934, n. 100, p. 02.

¹³ BRANDÃO, Ascânio. Modas e Vaidades. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de dezembro de 1939, n. 228, p. 04.

¹⁴ Maria Desidéria. *O Apóstolo*. Florianópolis, julho de 193, n. 11, p. 02.

¹⁵ Salão de Modas: Sodoma e Gomorra. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de novembro de 1938, n. 184, p. 04.

da família”¹⁶, os tempos eram outros: iniciava-se o tempo das divas e das *misses*. Os concursos de beleza passavam a ser notícia em toda imprensa nacional, despertando o interesse dos brasileiros para eventos como *Miss Brasil* e *Miss Universo*.

O combate contra tais concursos, por parte da Boa Imprensa, é intenso. Avolumavam-se, em suas páginas, “relatos” de vidas – e mortes – de mulheres que haviam ganho concursos de beleza. Estas eram constantemente descritas em ambientes de desgraça, proporcionados por sua falta de pudor e modéstia, entregues a mais absoluta miséria, em situações tão extremas que acabavam encontrando apenas uma saída para tamanho infortúnio: o suicídio. A mensagem católica era muito clara: “Beleza sem virtude nada vale; e o título de rainha é prenúncio de desgraça!”¹⁷

A condenação à vaidade feminina atingia também a moda, que desde o alvorecer dos anos 30 tem seus modelos substituídos como em um passe de mágica por peças mais leves e práticas, com cores que variam a cada estação. O tradicional vestuário com as cores preta e branca – casaco branco, vestido preto ou luvas e chapéus pretos com vestidos brancos – logo se tornaria *démodé*. Mudam-se também os tecidos, e as roupas trazem enfeites de renda, faixas de cetim e golas *jabot* com laços de crepe *georgette*. A moda muda seu estilo para tentar obedecer à necessidade de exibir as formas femininas. Os trajes noturnos desnudam as costas femininas. E nos bailes os decotes aumentam.

Também os cabelos ganham novos toques e estilos, diminuindo seu comprimento. A moda dos cabelos curtos, que teve origem na participação da mulher europeia na I Guerra atravessou os anos 20 e chega aos anos 1950.

A ousadia da moda gerava páginas e páginas de críticas em *O Apóstolo*, a ponto de noticiarem que a “Liga da Decência”, formada por distintas senhoras de Chicago, nos EUA, haviam adotado regras para um “modesto” e cristão vestir da mulher católica:

As regras são quatro:

1. O decote, tanto de frente como de traz, não deve descer mais de três até seis centímetros abaixo da cova do pescoço;
2. As mangas devem, ao menos, cobrir cotovelos, e o vestido cair ainda abaixo dos joelhos;
3. As meias devem ser compridas e nem ser de cor de carne nem transparentes;
4. O vestir em geral deve ser tal, em quantidade e qualidade, que antes esconda do que ponha à mostra as formas e as linhas da pessoa.¹⁸

Tais notícias vindas do exterior tinham por objetivo inspirar as católicas brasileiras. Esperava-se que também aqui outras senhoras e senhoritas aderissem a estas rígidas regras do recato cristão, o que parece ter surtido algum efeito, pelo menos é o que nos leva a crer outra publicação de *O Apóstolo*, onde se relatava que ao final de um retiro promovido pelas Filhas de Maria¹⁹ da cidade de Monhangaba, em São Paulo, 216 moças teriam assinado o seguinte documento:

¹⁶ NATUZZI, José. A Mulher Cristã: A salvação da Sociedade. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de abril de 1938, n. 188, p. 01.

¹⁷ Beleza sem virtude. *O Apóstolo*. Florianópolis, 24 de julho de 1932, n. 48, p. 02.

¹⁸ Senhoras e Senhoritas lá e cá?. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de novembro de 1935, n. 130, p. 01.

¹⁹ A Pia União das Filhas de Maria tratava-se de uma Associação de mulheres promovida pela Igreja Católica, ligada ao culto mariano. Ver: PERROT, Michelle. Drama e conflitos familiares. *História da vida privada*.

- 1º Nunca me vestirei sem decência, ou seja, sem mangas, decotadas, como saias curtas, sem meias, de vestidos transparentes.
- 2º Jamais quereirei ter o atrevimento de corrigir em mim a obra Divina.
- Neste sentido, não usarei pintura a face e unhas, não tocarei em sobrancelhas, etc.
- 3º Nunca terei romances, jornais ou revistas contrarias à moral ou decência.
- 4º Jamais assistirei a cinemas ou teatros impuros.
- 5º Fugirei aos bailes de toda espécie; o demônio preside todos eles.²⁰

Como se pode perceber, os bailes também eram concebidos como um espaço “perigoso” para a virtude feminina. As salas de baile, descritas pelos católicos como uma ameaça à reputação do “belo sexo”, configurava-se, na verdade em “ocasiões oportunas de demonstração de poder e prestígio” que acabavam reservando “às mulheres um lugar de destaque”²¹. Este era inegavelmente um espaço que se constituía como um espaço de sedução.

Os vestidos, usados à noite, geralmente de fazendas leves, umentam o perigo, quando se atenta na licenciosidade dos decotes. A forma como se dança, diminui a tal ponto à distância entre o cavalheiro e a dama, a dar a impressão de não ser possível de estarem mais unidos. [grifo meu]²²

Os bailes promoviam uma maior intimidade entre moças e rapazes, homens e mulheres, propagando a sedução e a sensualidade. Havia poucas possibilidades argumentativas para, dentro do âmbito do discurso, buscar coibir tamanha proximidade, a não ser a ameaça do pecado e de sua punição, que viria, mesmo que não nesta vida:

A dança inter-sexual é a maior ruína da são moralidade. É uma das favoritas do demônio; sim, ele sabe apresentá-lo ao homem como um bem, como uma felicidade, e o engana e o cega, e o seduz, e o arroja vencido no laço terrível e traiçoeiro. É um dos caminhos mais curtos para ir as profundezas do inferno, no trono de Lúcifer, onde há choros e ranger de dentes.²³

Mas além das ameaças de punições provenientes do plano transcendente, havia as reiterações de sansões sociais, as quais a mulher católica estaria sujeita ao freqüentar os salões de bailes, pois as “graves tentações de um salão de baile” acabariam afastando-a dos valores cristãos²⁴, assim como, de um futuro feliz com um bom casamento.

Aqui vai uma historia autêntica, e não inventada.

Há pouco, encontrando-me com um grupo de rapazes alegres, meus amigos, perguntei-lhes:

- Donde vêm vocês?
- Do baile.
- Do Baile? E porque foram dançar?
- Ora essa! Para conhecermos as raparigas com quem não devemos casar!²⁵

²⁰ 216 moças assinaram... *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de abril de 1936, n. 140, p. 02.

²¹ ASSIS, Nancy Rita Sento Sé. Amor de Baile: ensaio sobre o lugar da virtude no processo de civilização dos costumes. In: *Revista Ártemis*, vol. 7, dez. 2007, p. 37.

²² Deve a Filha de Maria freqüentar bailes?. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de janeiro de 1938, n. 182, p. 03-04.

²³ Os bailes e a moralidade. *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 de janeiro de 1937, n. 157, p. 04.

²⁴ Antes do Baile. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 fev. 1945, n. 351, p. 02.

²⁵ Para que saibam. *O Apóstolo*. Florianópolis, junho de 1930, n. 10, p. 04.

Nestes discursos católicos sobre a moral feminina e masculina remetiam-se impreterivelmente aos espaços privado e público, sendo este último descrito como exclusivamente masculino, e o espaço privado, como sendo o único espaço onde a dignidade feminina poderia ser preservada. Assim, segundo as palavras de O Apóstolo: “Norma Geral: Dado o estado da sociedade, os bailes em geral são desaconselhados para as moças cristãs” , assim como qualquer atitude em que a mulher pudesse conferir qualquer tipo de autonomia sobre seu próprio corpo estava totalmente desaconselhada.

A preocupação com a mulher e seu corpo é um dos temas mais recorrentes no jornal *O Apóstolo*, tanto que até mesmo a prática da Educação Física, tão recomendada pelos médicos das décadas de 1940 e 1950, era vista com certa desconfiança por partes dos católicos, que apenas aceitavam o exercício físico feminino se este estivesse pautado no cultivo do “pudor”, isto é, se fosse possível realizar o exercício físico mantendo o corpo da mulher escondido, obscuro, em silêncio, uma vez que o “pudor que encobre seus membros ou lhes cerca os lábios é a própria marca da feminilidade”²⁶.

As práticas esportivas e os exercícios físicos eram freqüentemente acusados de propiciarem as mulheres uma “exibição nudista e despudorada” de seus corpos. Mas nem por isso esta prática deveria ser repudiada pelas “boas moças católicas”, pois “A Igreja não condena, ao invés incentiva a educação física”, mas as “indecências” deveriam ser combatidas, para que se preservasse o corpo feminino, que acabava exposto “aos olhares do povo em praças públicas numa ostentação inconveniente e indigna para uma jovem cristã”²⁷, pois afirmavam de maneira contundente, que somente o “pudor será o triunfo e a glória das famílias e da pátria”²⁸, pudor esse direcionado ao corpo feminino.

Almejava-se a construção de corpos femininos modernos – pois havia uma consonância com os discursos políticos do Estado Novo, assim como também com os discursos médicos -, mas estes deveriam ser “bem comportados”, imbuídos dos rigorosos padrões morais católicos. Ou seja, mulheres auto-controladas, domésticas, saudáveis, e maternais.

Toda a preocupação com o corpo feminino, por parte dos católicos, esbarrava em ainda em mais uma questão que ganhava cada vez mais força durante a primeira metade do século XX: a emancipação feminina, que segundo a Boa Imprensa, afastava a mulher das fronteiras domésticas. A industrialização das grandes capitais oferecia a elas oportunidades de trabalho, grupos organizados de mulheres exigiam seu direito ao voto. A participação feminina na política se acentua a partir da Constituinte de 1934, quando vários artigos viriam beneficiar a mulher, regulamentando o trabalho feminino.

Esse contexto aparentemente favorável à desvinculação da mulher do espaço privado acaba por instigar inúmeras “vozes reacionárias exigindo da mulher a sua volta ao lar, sua moralização dessexualizada como fatores de reordenamento da família” , tendo com grande expoente dessas manifestações o clero católico. Preservar a mulher seria, sob esta ótica, preservar a família, onde:

O trabalho feminino é acusado de diminuir o apego familiar e dissolver a unidade moral da família. A ausência do lar é responsabilizada pelo abandono dos filhos e pelo seu

²⁶ PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Rachel (org). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Edunesp, 2003, p. 13.

²⁷ BRADÃO, Ascânio. Ginástica e Pudor. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de janeiro de 1941, n. 254, p. 02.

²⁸ “O Culto do Pudor na Vida e nos Costumes”. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de julho de 1940, n. 242, p. 02.

desencaminhamento moral. O trabalho feminino aumenta a probabilidade de abortos; certas ocupações tipicamente femininas atuam como meros canais camuflados de prostituição feminina.²⁹

A cruzada pela preservação do feminino, nos discursos católicos, nunca se afastavam da questão do corpo, uma vez que “O corpo não era uma coisa neutra, situada entre a natureza e a cidade. Paulo o estabeleceu firmemente com um ‘templo do Espírito Santo’”, sendo assim, “pertencia ao Senhor”³⁰, e não a mulher.

Constituíam-se, então, um medo da violação deste “templo sagrado” em prol do prazer e da “luxúria”. Este medo refletia-se, também, nos discursos sobre a beleza feminina, que era descrita, como sinônimo de perdição, brigas e de condenação ao inferno. Assim, “A condenação da beleza era sinônimo da ruptura com o corpo”.³¹

Mas já despontavam novos tempos, e os discursos católicos perdiam cada vez mais seu poder normativo. O próprio corpo feminino mudava. Venciam, agora, as publicações que valorizavam a beleza e a vaidade feminina, o estilo de vida dos famosos, e a moda ousada que possui uma nova tendência a cada estação. Eram novos tempos para a Igreja Católica.

REFERÊNCIAS

ASSIS, NANCY RITA SENTO SÉ. (2007). Amor de Baile: ensaio sobre o lugar da virtude no processo de civilização dos costumes. In: **Revista Ártemis**, vol. 7, dez. p. 37.

BERGER, PETER. (1985). **O Dossel Sagrado** – Elementos para uma teoria sociológica da Religião. São Paulo: Paulus.

BROWN, PETER. (1990). **Corpo e Sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CARNEIRO, HENRIQUE S. (2000). **A Igreja, a Medicina e o Amor**: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil. São Paulo: Xamã.

CHARTIER, ROGER. (2002). **Á Beira da Falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.

LENHARO, ALCIR. (1986). **Sacralização da Política**. 2 ed., São Paulo: Papirus/Unicamp.

NICHOLSON, LINDA. (2000). Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**. Florianópolis, vol. 8, n. 2, p. 09-40.

²⁹ Idem, ibidem, p. 102.

³⁰ BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade*: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 55.

³¹ CARNEIRO, Henrique S. *A Igreja, a Medicina e o Amor*: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil. São Paulo: Xamã, 2000, p.69.

PEDRO, JOANA MARIA & SILVA, CRISTIANI BERETA DA. (2003). **Um olhar sobre o corpo e práticas femininas**: medicalização do aborto e infanticídio na cidade de Florianópolis – 1900/1996. In: PEDRO, Joana Maria (org). *Práticas Proibidas*: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX. Florianópolis: Cidade Futura, p. 111-138.

PERROT, MICHELLE. (2003). Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Rachel (org). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Edunesp.

RANKE-HEINEMANN, (1988). Uta. **Eunucos pelo Reino de Deus**: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio de Janeiro: Ed. Graal.

SOUZA, ROGÉRIO LUIZ DE. (2003). **As Imagens do Renascer Brasileiro**: Catolicismo e Ideal Nacional (1930-1945). In: *Fronteiras*: revista Catarinense de Historia. Florianópolis, n. 11, p.31-34.

ZUCON, OTÁVIO. (2004). **A normatização do corpo entre a medicina e a publicidade (1920/1945)**. In: *Esboços*: revista do programa de pós-graduação em história da ufsc. Florianópolis, n. 12, p.185-195.